
PalavrAr-te entrevista a artista multidisciplinar Luisa B, ex-aluna da EBA

<https://espacoalexandria.ufrj.br/category/projetos/palavrarte/>

Publicado em 08 de fevereiro 2024.

Nesta entrevista realizada durante a pandemia, Luisa B conta sobre sua extensa experiência acadêmica e divide sua perspectiva sobre a arte e suas diferentes manifestações. Luisa B tem 48 anos, é graduada em Arquitetura e Urbanismo pela UFRJ, licenciada em Artes Visuais. Concluiu o mestrado em Literatura Brasileira em 2022 pela UFRJ e atualmente é doutoranda em Literatura Brasileira, também pela UFRJ.



Luisa B em fotografia de Manolis CK (2021)

PalavrAr-te: *Você tem uma relação de mais de duas décadas com a UFRJ com idas e vindas. Você poderia nos falar sobre esse percurso que se entrelaça com a sua vida?*

Luisa B: Sim, eu entrei em 99 e vim embalada de uma produção muito intensa de Artes Visuais. Na época eu percebia na EBA um desnível muito grande entre as matérias práticas e as teóricas... Entrei primeiro para o curso de Escultura. Depois de um tempo, percebi que esse curso era muito precarizado e acabei mudando para Pintura.

Mais ou menos naquela época também, quando fazia esses cursos na EBA, aconteceu uma coisa que não tem a ver com a EBA, mas tem a ver com a vida. Eu estava refletindo intensamente sobre mim em relação a questões de gênero. É engraçado porque obviamente eu sabia que nós trans e as travestis tínhamos grande vulnerabilidade social, mas eu pensava “isso não vai me atingir”. Ledo engano, eu também me enquadrei nisso e me vi em perigo. Percebi que o melhor para mim seria encontrar um trabalho que me desse segurança. Então saí de Artes e fiz prova de transferência pra Licenciatura e pra Arquitetura. Acabei passando para Arquitetura. Foi massacrante... foi absolutamente massacrante, mas eu consegui terminar a bendita faculdade em 2013. Muito tempo depois, já na pandemia, quando fiz minha transição de gênero e me assumi como mulher, eu já estava no mestrado na Letras, aqui na UFRJ, de novo.



A estrada - acrílica sobre tela (anos 90)

PalavrAr-te: *Em sua apresentação ao PalavrAr-te, você relatou que tem pesquisado o hibridismo e a intertextualidade na obra Sítio do Pica-Pau Amarelo, de Monteiro Lobato. Você poderia apresentar alguns detalhes ou curiosidades dessa pesquisa que te levaram ao mestrado?*

Luisa B: Então, essa pesquisa começa com meu processo de escrita de ficção. Eu tinha começado a escrever um roteiro de um filme e ia mostrando para algumas pessoas conforme escrevia. Mas elas começaram a achar legal como escrita de um livro. E foi virando um livro, um romance que tinha um caráter muito intertextual e metalinguístico e quando eu fui pesquisar quais autores tinham trabalhado usando esses recursos, eu percebi que o Lobato tinha feito isso mais do que qualquer pessoa que até então eu conhecia na história da literatura. Como o Lobato fez, eu nunca vi... estou pra ver. Então, entrei pro mestrado como uma maneira de dar sequência a minha vida acadêmica e também como pesquisa para o livro. E Lobato é um cara muitíssimo interessante porque ele é colossal. Mesmo assim, eu só consigo me aproximar dele até certo ponto porque tem

todas as questões ligadas às questões de raça, o que gera uma relação conflituosa que tenho com ele.

Também tenho estudado sobre o romance moderno. A grande forma nova, moderna, que domina a literatura ocidental até hoje, é o romance. Você tem desde um romance de uma escala muito pequena, doméstica, até um romance histórico-épico. O romance enquanto forma é sem caráter, se apropriando de discursos os mais diversos... Dentro do romance pode ter uma poesia, pode ter uma coisa científica, filosófica... Vai roubando de todos os discursos. Isso tem a ver com o pensamento universalista, que vai se apropriando de tudo ao redor, o que é uma atitude imperialista.

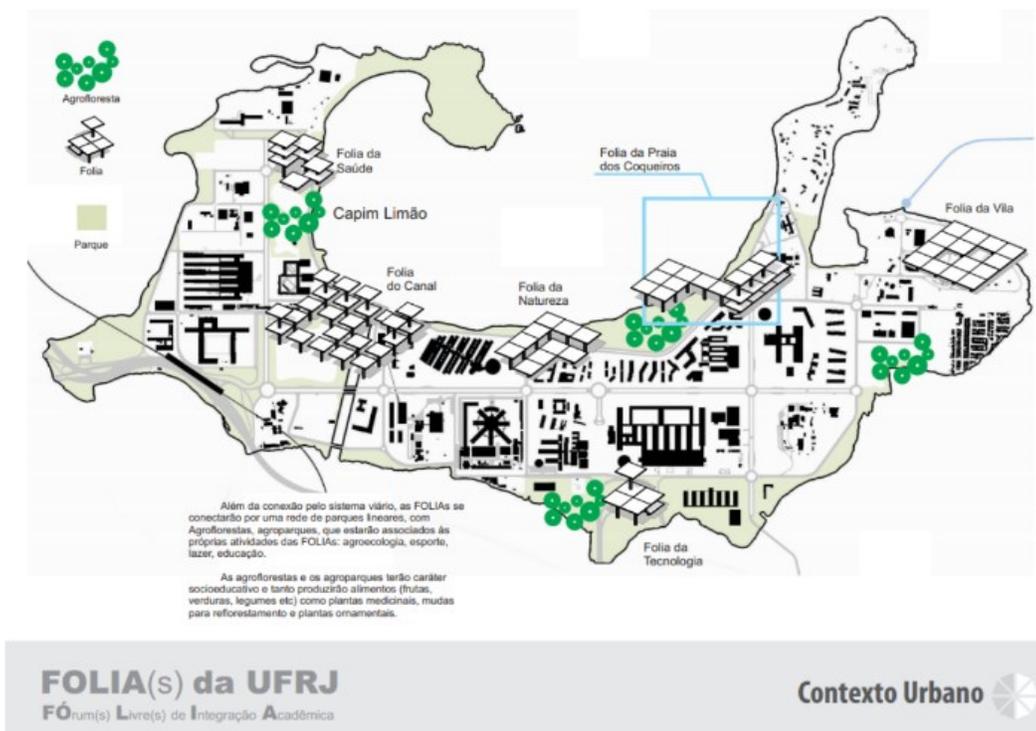
Voltando ao Lobato, essa característica devoradora do romance tem tudo a ver com a obra infante-juvenil dele, com o Sítio do Pica-Pau-Amarelo, apesar de serem novelas curtas. O que também se relaciona com seu hibridismo. Eu acho que a obra do Lobato é híbrida até na menor partícula do DNA dela. Ele conseguiu chegar a uma solução poética, por assim dizer, que foi muito além do que eu acho que ele mesmo podia imaginar em princípio. Foi uma obra que estendeu as possibilidades de nossa literatura a partir dos anos 20 do século passado, porque ele começou a tratar de uma coisa que é muito interessante, misturando ficção científica e ensino de ciência com fantasia, com narrativas de discurso quase realista/naturalista, tudo isso no território da literatura infante-juvenil. Aqui no Brasil quase não tinha literatura, não tinha nada, não tinha parque gráfico, ele começou com isso também, ele foi pioneiro como empresário editorial.

PalavrAr-te: *Você percebe se sua pesquisa de mestrado, de alguma forma, influencia sua produção atual? Se sim, de que maneira?*

Luisa B: Bom, de várias maneiras. Eu não consigo escrever uma palavra no meu livro mais, porque eu não tenho tempo. Mas, futuramente, isso vai contribuir sim. Eu me assumi como mulher-trans e comecei minha transição em fevereiro deste ano (2021). É bem recente. Isso mudou muita coisa na minha vida. Antes eu enxergava o mundo como se fosse do alto de uma torre, do alto de um panóptico. Eu tinha sentimento pelas pessoas, mas eu tinha um distanciamento. Esse distanciamento se refletia em meus trabalhos, mas isso veio abaixo. Agora eu choro, eu me apaixono, eu faço essas coisas que todo mundo faz ... ou várias

peças fazem. Antes, minha escrita sempre estava na voz de um personagem, sempre cheio de interfaces, de defesas. Agora, muitos de meus poemas são realmente pessoais.

PalavrAr-te: *Você comentou que tem trabalhos em artes visuais, escrita e arquitetura. Como essas diferentes linguagens artísticas se apresentam para você?*



Trabalho final de graduação: FOLIA(s) da UFRJ - espaços de integração inter/transdisciplinar

Luisa B: Desde criança, tem duas coisas que sempre me interessaram: arte e ciência, naquela visão quase enciclopedista. Eu tenho muitos trabalhos e alguns que fazem uma interface entre arquitetura e artes visuais. Como arquiteta, estou fazendo uma reforma de portaria agora no Centro, então, claro que existe uma questão de fazer uma coisa bacana que dê conforto às pessoas, mas nesse caso o trabalho não é vanguardista, é uma visão muito mais conservadora de arte.

Mas em geral meus trabalhos de arte estão sempre dialogando com muitas formas de arte entre si. Quando eu escrevo muita coisa de poema, eu penso em canção. Eu tenho meu violãozinho que tá aqui do lado, estou fazendo aula de canto e participo de um grupo de dança. Tenho desenhado muito pouco. Na verdade, estou muito mais voltada para a expressão corporal, que foi uma demanda que veio com a transição. Embora não tenha nada contra desenhar simplesmente, mas para mim é uma coisa de foco mesmo, neste momento.

Estou com muitos projetos começados: uma peça de teatro, um romance, uma história em quadrinhos... Estou abrindo esses campos. Eu tenho um trabalho, por exemplo, com um amigo meu que é grego, a gente se conheceu pela internet. Ele é fotógrafo e a gente faz fotos por Zoom. Ele fotografa a tela do computador dele com uma máquina de filme, com uma coisa assim que a gente está brincando, a gente está se permitindo experimentar e brincar. E eu acho que isso é importante também.

PalavrAr-te: *Nas suas produções, você busca tecer diálogos entre as diferentes linguagens que fazem parte da sua formação?*

Luisa B: No meu livro que chama O temor, você tem referência de cinema, de música, de poesia. E tem uma quebra de quarta parede o tempo todo. Você tem um questionamento do que é real do que não é real. Então acho que isso está muito presente no romance. Na minha poesia também quando faço uma coisa que chamo de canção e não é uma canção. Como um poema meu chamado “Unicórnio-Ornitorrinco”, que eu coloco tudo ali: tem a Lady Gaga, tem o Tom Jobim, tem a Monalisa, tem a Torre de Pisa, tem todos esses clichês misturados assim. Quando eu faço essas associações, eu tenho uma agenda, um método, mas nem sempre estou realmente querendo mesmo chegar em algum lugar específico. Às vezes, talvez esteja querendo criar só uma salada de frutas, um estado de êxtase. E acho que existe uma questão subversiva quando faço isso. Transdisciplinaridade, interdisciplinaridade... estou quebrando paredes. Se eu quebrei até aqui; então você, leitor; você, público; também pode quebrar. Quem sabe quais outras. Então, acho que esse pensamento é, com certeza, uma proposição utópica, proposição política.



Desenho de fantasia, processo de escrita.

PalavrAr-te: *Quais são as suas influências para o desenvolvimento de suas artes?*

Luisa B: Meu coração é do tamanho de um trem. Eu amo canção brasileira, penso em termo de canção o tempo todo. Eu conheço pouca canção que não seja brasileira. Eu conheço muito pouco The Beatles, gosto muito de Pink Floyd, mas assim, a canção

brasileira, pra mim, é um lugar. Para mim, é minha casa.

Em termos de literatura eu dialogo muito, eu sou muito amiga do Paulo Leminski. A gente briga também, porque ele vacila. Mas ele é muito legal, ele tem esse pensamento que vai de uma coisa pra outra, pra outra.

A vida é paradoxal. O Lobato é um cara fantástico com uma sensibilidade para a infância incrível, mas escreveu cartas elogiando a Ku Klux Klan. Ser humano não tem receita, não tem! A gente tem que assumir isso, a gente tem na ciência um pensamento muito de querer controlar as coisas. De ter horror ao vazio, até a gente perceber que é inefável: uma coisa que você não consegue controlar. Que a gente não controla as coisas.

PalavrAr-te: *A escrita é uma prática que te acompanha desde criança. Para você essa inclinação artística se intensificou de modo pontual através de alguma experiência específica ou veio mais como um processo crescente, amadurecido entre várias experiências?*

Luisa B: Acho que um pouco os dois. Eu sempre escrevia ensaios e reflexões, manifestos. Sempre a arte visual esteve presente. E agora se intensificou!

Eu não sou muito boa de gramática não. Assim, depois de minha primeira escrita, normalmente eu reescrevo muito. Tem muita coisa minha que parece chutada, que eu

escrevi de uma vez só, mas que é muito reescrita. Eu não tenho um processo linear de escrita, por exemplo. Eu escrevo depois eu mudo isso aqui pra cá, pra lá. Faço variações o tempo todo.

PalavrAr-te: *Com uma trajetória tão múltipla em tantas áreas, como você enxerga seu lugar como artista/sua identidade artística?*

Luisa B: Bom, a fronteira é o meu lugar. E a fronteira é habitada por monstros. E o lugar do monstro é na fronteira, e o monstro é uma fronteira. O Jeffrey Jerome Cohen fala isso em “A Cultura dos Monstros”. Então, eu acho que na minha vida, quando eu tentei harmonizar essa fronteira, eu praticamente morri. Então eu não tenho e não vejo outra perspectiva senão ser uma metamorfose ambulante. Sem ter aquela eterna opinião formada sobre tudo... Talvez, com o tempo eu acabe me voltando mais para dança ou para escrita, mas hoje eu não vejo essa perspectiva. Hoje se eu fosse lançar uma coisa como um livro de trabalhos meus, acho que seria um livro chamado “Poesia Incompleta” com um apanhado de tudo que eu fiz até hoje no processo. Então teria fotos, desenhos, quadrinhos, tudo em processo. E da “Poesia Incompleta” poderia surgir alguma coisa que saísse mais fechada. Eu, na verdade, acho interessante a pessoa ter esses desenvolvimentos em vários campos. Acho que isso pode ser visto como uma forma de fazer trabalho também.



O Artista Ideal - performance

PalavrAr-te: *Depois de anos atuando em várias frentes artísticas, você ainda sente o mesmo amor pelos seus trabalhos, aquele de quando iniciou sua carreira?*

Luisa B: Eu tenho carinho. Eu acho que vários trabalhos são pertinentes. Tem uns que são mais atuais, outros que ficaram mais datados. Por exemplo, “O Artista Ideal” é uma performance que eu posso fazer a qualquer momento. No “Artista Ideal” eu abro mão da minha expressão, ele tá naquela torre de marfim, na torre de Pisa. Então ele tem um distanciamento, ele é uma bela obra de articulação intelectual. Com humor, com uma presença, mas tem uma coisa ali que para mim, principalmente nesses trabalhos dos anos 2000, que é quase doloroso porque foi um quase “saindo do armário” que não se realizou e levou vinte anos para rolar. Eu acho que é legal como trajeto.

Eu pego muito trecho de coisas que eu escrevi e uso em outro texto, eu reciclo uma ideia minha, não preciso ter uma ideia nova, exatamente nova. A arte não diz só como o mundo foi, mas o mundo como poderia ter sido, como deveria ter sido. Quando eu faço um projeto, ele não está fechado em si, ele está aberto para ter variações. Eu repito: o Lobato fez isso direto. Tem esses temas que se repetem de forma mais ou menos conscientes. Acho que minha obra também se renova, se reinventa assim.

PalavrAr-te: *Nas fotografias de sua performance “O Artista Ideal”, há um espelho em seu rosto refletindo uma criança que, naquele momento, estava na sua frente e te olhava. Essa performance resgataria algo da sua experiência enquanto jovem graduanda?*

Luisa B: Pois é, o artista ideal. Na verdade, é muito interessante você falar que a menina estava refletida em mim, porque não era eu que estava com a máscara. Era uma menina chamada Danila Bim, que é uma menina lá de São Paulo. Eu fui montar essa performance lá no SESC, mas eu nem performei, só dirigi.

Eu consegui conectar, assim, depois da transição muitas inquietações, memórias e percepções de infância que me constituem. Eu tenho uma memória muito boa, eu fui uma criança muito consciente do que estava acontecendo ao meu redor. Mas eu abria mão disso tudo, de minhas memórias, de meu corpo afetivo, nesta performance. O “Artista Ideal” me levou para um fim da linha, porque estou presente naquela situação vendo o mundo do alto da torre, sem contato direto. A ideia veio de uma frase da qual eu me apropriei e traduzi, que é assim: “O artista ideal é só uma pessoa usando uma máscara que é um espelho. O que ele faz é refletir o mundo”. Acho que às vezes a gente busca uma coisa muito racional

com a arte e isso atrapalha tudo, mas também é parte do processo. Você chega num lugar e de repente você tem que tirar aquela casca e seguir em frente. É assim um pouco como eu vejo. Mas eu faria a performance hoje sem problema nenhum! Hoje seria divertido!

Entrevista realizada em maio de 2021.

Contatos da artista:

luisabrunolima@gmail.com

Artes visuais:

[Instagram.com/luisabelima/](https://www.instagram.com/luisabelima/)

Trabalhos como modelo fotográfico:

[Instagram.com/luisa_be_performance_pics/](https://www.instagram.com/luisa_be_performance_pics/)

Quadrinhos:

[Instagram.com/gibigenericos/](https://www.instagram.com/gibigenericos/)

PalavrAr-te: Paula de Souza (graduanda em Artes Visuais/Escultura da Escola de Belas Artes, UFRJ), Mônica Santos (graduanda em Letras/Português - Literaturas, UFRJ) e Thayssane Rocha Silveira (graduanda em Comunicação, UFRJ).

Supervisão de texto: Aniela Improta França.